ORIARÁ

Para conhecer
e Compartilhar

04 **INTRODUÇÃO**
06 **MESTRAS E SABERES**

08 CAPÍTULO 1 **COTIDIANOS**
O que fazemos em roda?
Edgar Xacriabá
Territórios
Oralidade e Memória
Quais plantas temos em casa?
Aldeia Escola Floresta Maxakali

18 CAPÍTULO 2 **(RE)EXISTÊNCIAS**
O que celebramos?
Froiid
Linguagem
Como cuidamos?
Marcel Dyogo
Ancestralidade

28 CAPÍTULO 3 **FUTUROS**
O que nos movimenta?
Dayane Tropicaos
Afrofuturismo
O que aprendemos com nossos avós ?
Jorge dos Anjos
Escritas

36 **LETRAMENTO RACIAL** E EXPRESSÕES PARA RETIRAR DO VOCABULÁRIO
40 **DIÁLOGOS ENTRE PEDAGOGIAS**
49 **REFERÊNCIAS**

IARÁ

Para conhecer e Compartilhar

INTRODUÇÃO

A exposição *Oriará: Arte e Educação em Movimento* surge da necessidade de ampliar discussões a respeito das presenças africanas e indígenas em nosso território. A mostra foi concebida dentro do Programa Educativo do Memorial Minas Gerais Vale, a partir de estudos contínuos realizados por nossos educadores acerca dessas temáticas.

Para organizar a exposição, elegemos três eixos temáticos: *Cotidianos*, que trata de reflexões ligadas ao meio onde vivemos; *Futuros*, que reflete sobre o porvir a partir da ancestralidade na busca por abundância; *e (Re)existências*, eixo que evidencia estratégias para o bem viver, expressando sentidos da vida e da história afrobrasileira e indígena.

Pedimos, assim, licença para chegar e nessa aproximação nos valemos da arte como um recurso valioso de diálogo. Os artistas convidados para esse encontro são Edgar Xacriabá, Dayane Tropicaos, Maria Lira Marques, Marcel Diogo, Froiid, Jorge dos Anjos e os indígenas do povo Tikmũ'ũn, também conhecidos como maxacalis.

Em sua potência, seus trabalhos nos fazem refletir sobre caminhos de empoderamento negro e indígena, sobre as relações com a natureza estabelecidas por comunidades quilombolas e originárias, bem como em torno dos apagamentos a que, historicamente, estão sujeitos esses povos. A partir de múltiplas visualidades, os artistas debatem sobre simbologias que remetem a sacralidades e tecnologias dos povos africanos, tal como sobre os ditos populares presentes no futebol — aqui visto como estratégia de resistência e ocupação das cidades para encontros e partilhas entre comunidades.

As temáticas que apresentamos nesta exposição oferecem provocações em direção ao reconhecimento da nossa existência enquanto uma sociedade miscigenada — algo que tratamos como fato. Tudo o que está posto neste caderno enuncia formas e caminhos para se trabalhar aspectos ligados a culturas afro brasileiras e indígenas em processos pedagógicos dirigidos a crianças, jovens e adultos, seja em sala de aula ou na vida cotidiana.

Propomos, assim, um contato com as encruzilhadas: lugares onde estradas e caminhos se cruzam — e também o ponto crítico em que uma decisão é tomada. É nas encruzilhadas, frequentemente, que são feitas ofertas por comunidades religiosas de matriz africana, constituindo-as como lugares para a abundância e o encontro com o sagrado. A palavra "oferta", que mencionamos aqui, também poderia ser compreendida como oferenda, cujo significado está relacionado "aos conjuntos de preparados afro-religiosos ensinados no cotidiano dos terreiros, seja de umbanda ou candomblé" — conforme aponta o artigo *Oferendas? Preparos e composições afro-religiosas em dois mundos*, dos pesquisadores Dandara Dorneles e José Carlos dos Anjos (2021) .

Transitando entre a oralidade e a escrita presentes nas formas de comunicação, assim como entre as possibilidades de expressão a partir de danças e cantos e a vivência dos quintais, hortas e espaços verdes, somos convidados a exercitar o tekoá porã: termo de origem guarani que, segundo o educador indígena Kaká Werá, do povo Tapuia, refere-se ao bem-viver que nos leva a observar o mundo à nossa volta, sobretudo no respeito e na preservação da natureza.

Essas metodologias de bem-viver são convites para pensar e reorganizar nossa vida cotidiana. Outros pontos fundamentais, também segundo as perspectivas africanas e indígenas, são a apropriação cotidiana que devemos fazer do território habitado e um diálogo contínuo com as próprias ancestralidades, a fim de rememorar saberes e sentidos para a existência.

Por fim, a partir de tudo que trouxemos, esperamos que o conteúdo presente neste caderno convide você a uma percepção ampliada da sua própria cultura.

Axé e caminhos abertos.

Boa leitura!

MESTRAS E SABERES

Ao longo deste material, contamos com as reflexões de duas mestras convidadas para partilharem conosco um pouco de sua sabedoria ancestral: ambas atuam como lideranças em seus próprios territórios, onde partilham saberes ligados ao bem-viver, ancorados na preservação do meio ambiente e de seus conhecimentos ancestrais.Juntas, elas têm uma missão valiosa na nossa *Oriará*: nos apoiam, a partir de suas falas e ensinamentos, a compreender o valor da ancestralidade e do cuidado com o território, entendendo-os como medida e caminho para elaborar novos processos educativos e novas formas de pensar, ligados às culturas indígenas e afro brasileiras em Minas Gerais.

Do povo indígena Pataxoop, convidamos Dona Liça, liderança e educadora. Em sua aldeia, Muã Mimatxi, em Itapecerica, **Dona Liça Pataxoop** ensina a partir de um método de escrita chamado Thehêy. Esta metodologia de ensino utiliza a ideia da pescaria para reunir conhecimentos e saberes importantes. Simbolicamente, é uma "pescaria de saberes" — e também uma ferramenta de escrita feita a partir de imagens que podem envolver árvores, pessoas e animais diversos.

Acessando o link abaixo você pode assistir a alguns tehêys de Dona Liça.
https://www.youtube.com/watch?v=HSZgwIgfGKk

Do quilombo Manzo Ngunzo Kaiango, convidamos a **Makota[1] Cássia Kidoiale**, filha de Mãe Efigênia Maria da Conceição, fundadora do quilombo. Makota Cássia é liderança do terreiro que fica no bairro Santa Efigênia, na Região Leste de Belo Horizonte. Coordena vários projetos para crianças e jovens, promovendo o conhecimento e o pertencimento a partir de práticas como a capoeira, o canto, a dança e a percussão. Além de estar envolvida em lutas contra o preconceito e a intolerância, a partir de sua liderança, o quilombo Manzo Ngunzo Kaiango promove projetos junto a prefeitura de Belo Horizonte partilhando horta comunitária.

Quer ouvir um pouquinho da voz de sabedoria de Makota Cássia? Então acesse o link https://www.youtube.com/watch?v=MPNwrfbh-yo

1 Makota é o nome de um cargo feminino dentro do Candomblé, elas são cuidadoras dos Orixás e é um nome dado pelo orixá dentro do terreiro.



Dona Liça



Makota Cássia

O que fazemos em roda?

"[...] o que se faz em roda é você sentir e ouvir os valores da vida que servem para o ensino da família. Dá sentido de partilha, de ensinar para a família, para a sua vida, para todos os seres vivos que vivem na Terra.

[A roda] é tudo o que é de partilha coletiva do conhecimento, do sentido, do amor, do viver, do respeito, da honra."

Dona Liça Pataxoop

Edgar Xacriabá

Edgar Kanaykõ Xacriabá é indígena do povo Xacriabá de Minas Gerais. Mestre em Antropologia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Edgar transita pela etnografia, área que se dedica aos registros dos principais aspectos da cultura de um povo. A partir de sua arte, é possível conhecer aspectos importantes da realidade dos povos retratados.

Hemba

[Fotografia sobre tecido]

A fotografia, dentre outras linguagens da arte contemporânea, tem sido, atualmente, uma importante ferramenta de manifestação de povos indígenas, por meio da qual partilham momentos de cuidado, jogos e cultos de seus povos.

Em suas fotografias, Edgar entra na roda e capta o cotidiano não só dos Xacriabá, mas também de várias outras comunidades indígenas pelo Brasil. Seus registros não são os de um observador externo a essas comunidades, mas de um parente e partícipe de suas demandas.

As imagens de Edgar abrem espaço para que compreendamos a realidade dos povos indígenas a partir de suas tecnologias ancestrais em diálogo com tecnologias e mídias ocidentalizadas, de modo a tensionar preconceitos e visões enrijecidas sobre os povos indígenas, revelando ainda o valor e a importância desses territórios para esses povos.



Fotografia que compõe o fotolivro *Hêmba*, de Edgar Kanaykõ Xakriabá.

TERRITÓRIOS

Conforme afirma o geógrafo, professor e pesquisador brasileiro Milton Santos, a palavra território está relacionada ao lugar em que se habita: nosso país, nosso estado, nossa cidade, nosso bairro, nossa rua ou ainda a comunidade rural em que moramos. Junto com o habitar, território também é o lugar onde existimos: onde construímos várias relações, entre amizades e parentescos.

Quando falamos em território, geralmente nos lembramos da cidade em que moramos e dos lugares pelos quais estabelecemos afeto: os caminhos por onde passamos para chegar a casa de um amigo ou ir à escola, a pracinha cheia de brincadeiras e amizades, as quadras e os campinhos de futebol, os parques, as cachoeiras e os morros de soltar pipa.

Território, portanto, é ao mesmo tempo o lugar de passagem, o lugar de admiração, o lugar sagrado de festa, encontros, sabores, costumes e histórias: tudo isso e diversas coisas mais cabem muito bem nessa palavra.

Para os povos indígenas e quilombolas, seus territórios são espaços de sacralidade, que se dá por meio do contato respeitoso com a natureza, a partir de formas sustentáveis de se viver. Liderança do Quilombo Manzo Ngunzo Kaiango, em Belo Horizonte, a Makota Cássia Kidoiale traz um exemplo importante sobre esse tema:

> *Quando terminávamos de usar a água, minha avó mandava a gente tapar com argila. Na verdade, era para a água acumular e a argila filtrar a água. Quanto mais argila, mais limpa a água ficava. Toda vez que íamos usar, tínhamos que furar a argila com o dedo para sair a água. Quando fui ao Quilombo do Chacrinha vi a água brotando tampada. E aprendi que era o modo de protegerem a nascente. Ela tem que ficar tampada, porque se não o solo fica danificado.*

Dialogando com a Makota Cássia, Dona Liça Pataxoop, educadora e liderança da aldeia Muã Mimatxi na cidade mineira de Itapecerica, nos lembra de vivências no seu território relacionadas a prática de chamar as crianças para conhecer o meio ambiente que envolve a comunidade, aprendendo sobre cuidado e respeito para futuramente transmitir os mesmos saberes a outras pessoas.

> *Aqui nós aprendemos e ensinamos, em espaços que às vezes não estão dentro de quatro paredes. Aqui você conversa e ensina do mesmo jeito como você pesca no ambiente: você vai olhando os espaços e os ensinos vão aparecendo. É como a gente fala: nenhuma criança aqui suja a Mãe Terra, porque ela não adoece ninguém, não machuca ninguém, não encarde ninguém.*

Tanto a Makota Cássia quanto a Dona Liça Pataxoop nos ensinam, a partir de suas falas e práticas, que é fundamental o afeto e o cuidado com os nossos territórios, pois eles fazem parte de nós. Devemos compreender cotidianamente a importância de conservá-los, para que as futuras gerações também possam usufruir desses espaços.

ORALIDADE E MEMÓRIA

A partir da oralidade, podemos nos expressar em nossa vida cotidiana. Em nossa sociedade, sua força está marcada nas formas de se dizer certas palavras que, com o processo da miscigenação, foram incorporadas ao nosso vocabulário. Também se faz presente em ditos populares, em cantorias e danças associadas a festas tradicionais e ainda em saberes relacionados a tratamentos naturais, como acontece no uso de chás e emplastros de ervas e folhas — mesmo hoje muito presentes em Minas Gerais e em outras regiões do país.

Quando nos voltamos ao sentido da compreensão de histórias contadas por comunidades indígenas e africanas relacionadas às suas origens e formas de existir, bem como às suas relações com os territórios habitados, percebemos nitidamente que a oralidade está intrinsecamente relacionada à memória.

A este respeito, o escritor, ator e professor indígena Daniel Munduruku, originário do povo Munduruku, do Pará, vai nos dizer que: "A memória é (...) ao mesmo tempo passado e presente que se encontram para atualizar os repertórios e encontrar novos sentidos que se perpetuarão em novos rituais que abrigarão elementos novos num circular movimento repetido à exaustão ao longo de sua história".

Ao falar de memória e oralidade, tanto no contexto indígena quanto africano, é preciso destacar a presença dos idosos e sua importância: aos mais velhos, pedimos licença para chegar, pedimos conselhos e nos sentamos em roda para ouvir histórias sobre as origens e trajetórias de cada grupo ou comunidade. Aos mais velhos, nesse sentido, é atribuído o papel de transmitir saberes, valores e ensinamentos significativos para a conservação da vida em comunidade.



Fotografia tirada por Ricardo Azoury das pinturas na Lapa Piolho do Urubu no Parque Nacional Cavernas do Peruaçu.

Em sala de aula

Na página 20 do caderno *Oriará: Para Conhecer e Brincar* você encontrará uma proposta para fazer tinta a partir de pigmentos minerais. Esta proposta é inspirada em pinturas rupestres encontradas no Vale do Peruaçu e no trabalho de artistas do Vale do Jequitinhonha. Junto ao fazer da tinta é possível dialogar sobre como o processo de criar, a partir da terra, advém da transmissão de conhecimentos por via oral que está relacionado às culturas indígenas e afro diaspóricas.

Quais plantas temos em casa?

"O quintal, ele é o nosso laboratório, né? É onde a gente planta a vida e a manutenção dessa vida. Sem contar que, além disso tudo, também é um espaço que nós estamos sempre descobrindo alguma coisa. O quintal aqui do Manzo tem mais de 70 anos e até hoje a gente ainda encontra elementos ou plantações que a gente ainda não conhece. – quando vai conceber aquela planta, ela veio no momento certo para cuidar de alguém. É o que a gente mais presta atenção, porque está sinalizando que alguém vai precisar desse cuidado, desse remédio."

Makota Cássia Kidoiale

Aldeia Escola Floresta Maxakali

Os Tikmũ'ũn sempre acompanharam os rios e vivem desde antes da invasão europeia no Vale do Mucuri, no Nordeste de Minas Gerais. Em seus cantos, eles preservam bichos, plantas e até mesmo línguas de outros povos que foram embora junto com a mata dizimada pelo empreendimento colonial.

As terras demarcadas Tikmũ'ũn, que ficam entre Santa Helena, Bertópolis, Ladainha e Teófilo Otoni, estão entre as menores que existem no Brasil — e, além disso, quando foram demarcados, esses territórios já estavam devastados.

Em setembro de 2021, enquanto o mundo vivia a pandemia de Covid-19, os Tikmũ'ũn foram buscar, fora da aldeia oficialmente demarcada, outros territórios originários — também próximos aos rios da região — cuja ocupação eles pudessem retomar. Situado em Itamunheque, na zona rural de Teófilo Otoni, um dos territórios retomados passou a se chamar Aldeia-Escola-Floresta. Nesse território, os Tikmũ'ũn sonham com os rios e as matas, constituindo uma aldeia onde, em todo lugar, as crianças aprendem sobre os fazeres do artesanato, as plantas, os rios e a pesca.

O que tem na roça

[Animação digital, desenhos em caneta hidrocor e lápis de cor sobre papel]

A obra imersiva que compõe a exposição revela desenhos de frutas e legumes das roças maxakali, feitos pelos próprios Tikmũ'ũn, mostrando a diversidade de plantas cultivadas na aldeia. Além das imagens, a obra traz cantos dos espíritos yãmiyxop, que falam sobre um tempo em que a mata ainda era farta com seus bichos, árvores e frutas — assim como no passado narrado pelos Pajés.

Os Tikmũ'ũn denunciam a destruição da mata e, ao mesmo tempo, preservam os saberes e as memórias dela enquanto habitam o território Aldeia-Floresta-Escola. Neste território, cultivam sonhos, recuperando nascentes e trazendo de volta a floresta e os bichos para, juntos, proporcionarem uma maneira mais saudável de viver no território e fora dele — algo que pode ser ensinado para estudantes indígenas e não-indígenas.

QUINTAIS E TERREIROS

Os quintais e terreiros são espaços significativos de acolhimento para diferentes culturas e contextos de vida. Nesses lugares, cultiva-se de tudo: desde pomares com frutas e hortaliças até ervas e plantas de cura. Em meio a essa infinidade de elementos, residem inúmeras tecnologias ancestrais, incluindo formas de cultivo e de trato com a terra. São práticas que nos convidam a perceber o tempo das coisas: mexer com o solo, plantar, observar as sementes germinando, cuidar do que cresce, colher e, finalmente, partilhar.

Nos quintais e terreiros, também mora a poesia da vida. Aos olhos de muitos, é nesses espaços que pode estar presente a cura para uma época em que não temos tempo para nós mesmos. Lidar com a terra, dentro de muitas perspectivas africanas e indígenas, é como estabelecer conexão com nossas ancestralidades. Não por acaso, os quintais e terreiros também constituem, para as crianças, um universo interessante: permitem brincadeiras como subir em árvores para apanhar frutas ou inventar histórias com bonequinhos feitos de terra — tudo isso enquanto se aprende as primeiras noções de cuidado com a natureza.

Os quintais representam, portanto, recursos vigorosos em nossas casas, cidades e vizinhanças. A partir deles, somos convidados a renovar nossas energias por meio do trato com o solo e do cuidado com as plantas, mas também por meio do encontro. É nesses espaços que nos encontramos com amigos e familiares para dançar e celebrar a vida e nos reunimos em grandes ou pequenas rodas para conversar sobre o dia que passou e, quem sabe, ouvir histórias encantadas que os mais velhos resolvem contar.

Nesses lugares, ainda somos convidados a exercer nossa criatividade em comunicação com o ritmo e os elementos da natureza. Um exemplo disso é quando vemos, em algumas casas no interior de Minas Gerais, o costume de se construir casinhas para abrigar pássaros que chegam aos quintais à procura de alimento. Não só para nós, humanos, os quintais são espaços que exercem a potência da vida, e devemos sempre cuidar deles para que permaneçam nos revigorando.



O que tem na roça
obra do povo Tikmũ'ũn/Maxakali

Em sala de aula

É muito importante aprender a partir do que a natureza nos oferece. As roças assim como os quintais figuram locais de cuidado com a vida e com saúde, ali podemos reunir plantas para proteção, cura e alimento. No caderno *Oriará: Para Conhecer e Brincar*, na página 24 e 25 você encontrará propostas que pretendem aguçar a atenção sobre as plantas e suas potências. Pode ser interessante uma aula que aproveite este conteúdo e incentive a investigação e um olhar atento às plantas que nos cercam, seu cultivo e características. Confira!

O que celebramos?

"Nós mesmos celebramos os tempos. Nós temos dois grandes tempos. O tempo das águas e do calor, que é o que nós estamos agora. Já passamos o tempo do frio e da seca. Mas dentro desses aí, tem vários tempos. Então, agora mesmo, nós celebramos o tempo grande das águas. De cada pontinho eu peguei do que nós celebramos, do que nós preparamos, do que nós limpamos, do que nós buscamos, do que nós farturamos dentro do espaço, o que nós partilhamos, o que nós buscamos dentro da natureza para poder chegar esse dia e celebrar o Deus Topá, que é Deus, está ali para vocês sentirem."

Dona Liça Pataxoop

Froiid

Nascido em Belo Horizonte, Froiid é artista multidisciplinar, curador e mestre em Artes Visuais pela Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG). Em suas obras, aborda o cotidiano popular a partir dos jogos, tratando-os como manifestação social que nasce de territorialidades e comunidades específicas. Por meio da arte de jogar, o artista traz ao público um pouco da cultura periférica de ruas e becos que dialogam fortemente com as heranças afro-indígenas de nosso país, assim como os ditos populares e as regras informais que se referem a ser e pertencer a uma comunidade.

Onde a coruja dorme

[Jogos de tabuleiro, esmalte sintético sobre madeira]

A obra possui um nome bastante sugestivo – *Onde a coruja dorme* – que remete a uma expressão bastante popular no universo do futebol, abordando o jogo enquanto manifestação social que é parte de infinitas territorialidades. Em sua obra, Froiid aborda as ideias de pertencimento, coletividade e criatividade, na medida em que propõe o uso de linguagem popular e a invenção de novas regras e outras possibilidades de jogo. Cada peteleco – pequeno campo de futebol estilizado – possui um nome mais ou menos relacionado com os formatos inovadores dos campos, aspecto que nos convida a refletir sobre as frestas criadas por movimentos sociais populares quanto à reivindicação da celebração da vida pelo lazer e por formas próprias de conduzir as relações entre individualidade e coletivo.





Estrelão e *Garrado*, petelecos da obra *Onde a coruja dorme*, de Froiid.

LINGUAGEM

Que língua você fala? Quantas línguas são faladas no nosso país? Se pensarmos sobre a ideia de uma língua oficial, identificamos facilmente o português. É importante lembrar, entretanto, que na história desse lugar que aprendemos a chamar de Brasil ocorreu um longo processo de colonização.

Num primeiro momento, a colonização envolveu a chegada de embarcações portuguesas ao litoral da região que hoje conhecemos como Nordeste — na sequência, aconteceu a invasão do continente por centenas de homens vindos da Europa.

Não se sabe ao certo quantos povos, naquele momento, habitavam o território conhecido hoje como Brasil, mas historiadores estimam que entre 4 e 10 milhões de pessoas viviam em nossa terra. Hoje em dia, existem mais de 305 etnias indígenas — que falam cerca de 274 línguas. A partir daí já poderíamos considerar a realidade de um país multiétnico e diverso no que diz respeito a quantidade de povos e línguas, no entanto, os empreendimentos coloniais ainda inseriram outros povos neste território.

A diáspora africana foi um processo que envolveu o sequestro e a migração forçada de pessoas de diversas etnias do continente africano para as Américas. Ao longo de 300 anos, ocorreu o tráfico de pessoas africanas para o Brasil, vindas principalmente de duas grandes regiões subsaarianas, sendo uma à oeste (entre Senegal e Nigéria) e outra, ao longo da porção sul da Linha do Equador. A etnolinguista brasileira Yeda Castro nos conta que nessa região ao sul da Linha do Equador estão os povos falantes do tronco Banto, que tem cerca de 500 línguas. De todas elas, no Brasil se identificam ao menos três: kikongo, kimbundo e Umbundo. Das línguas oeste-africanas, identifica-se o que, no Brasil, se chama de Jêje-Mina, Nagô e Yorubá.

As línguas que vieram com a diáspora africana influenciaram de maneira profunda o português falado no Brasil. O tronco Banto, por exemplo, ajuda a dar ritmo à nossa fala a partir de uma estrutura de sílabas que prioriza combinar vogais e consoantes — ao invés do encontro de consoantes. No vocabulário que usamos, existem mais palavras de origem desse tronco linguístico do que provavelmente nos damos conta – e todas elas têm história.

Caçula, dengo, geringonça, nenê, cafuné e cochilo são exemplos de palavras Banto que dizemos em nosso cotidiano, e supõe-se que muitas dessas palavras tenham sido incorporadas ao português por conta das mulheres negras escravizadas que cuidavam das crianças nas fazendas das famílias brancas e ricas. Essas primeiras contaminações da língua, dentro de uma lógica do trabalho do cuidado, são especialmente reveladoras, mas aparecem também na nossa alimentação, em palavras como jiló, angu, pamonha, quindim e quitanda.

Outras maneiras de manipular o modo de se falar português no Brasil, como a troca da letra L por R (como em Framengo e bicicreta), corriqueiramente associada à falta de conhecimento do modo correto de se falar e ligado às camadas menos abastadas da sociedade, também estariam relacionados às origens mestiças da nossa língua cotidiana. Lélia Gonzalez, uma importante socióloga brasileira, sugeriu que o idioma que falamos no Brasil seria, na verdade, o "pretuguês", por conta da expressiva diferença entre o idioma falado no Brasil com o português europeu.

Em Minas Gerais, o tráfico humano proveniente da África teve sua maior movimentação no século 18, para suprir a demanda de trabalho na mineração durante o chamado Ciclo do Ouro: nesse período, grande parte das pessoas que entraram pelo porto do Rio de Janeiro vieram direto para as minas. Nessa região, há registros de uma língua de origem Ewe-fon, porém as influências das línguas do tronco Banto são as mais presentes.

Hoje em dia, temos manifestações culturais intimamente ligadas às línguas africanas em Minas Gerais. E, talvez, a mais expressiva delas sejam os vissungos: cantos que povoam algumas comunidades no interior do estado. Há registros que associam essas músicas ao trabalho, mas também outros que destacam sua presença nos cortejos fúnebres, nas brincadeiras e nas celebrações cotidianas.

No ambiente urbano, encontramos marcados na nossa língua expressões e ditos carregados de significados, que exprimem a fricção entre os povos que compõem o Brasil e as línguas faladas por aqui. É comum as cidades serem ricas em diversidade de dialetos, que são marcadores sociais. Ainda que algumas pessoas sejam fluentes em mais de um deles, esses dialetos marcam diferentes ambientes sociais, funcionando como um código partilhado entre pessoas que possuem referências e vivências parecidas. Se, por um lado, eles excluem e marginalizam sempre com um marcador de classe e raça, por outro lado, ela fortalece e une essas pessoas. Ou seja: ao mesmo tempo em que convenções linguísticas se mostram como mais um dispositivo de exclusão, os ricos significados trabalhados nos dizeres e gírias revelam uma sofisticada tecnologia voltada a passar ensinamentos adiante e se comunicar de modo astuto.

Em sala de aula

Na página 8 do caderno *Oriará: Para Conhecer e Brincar* apresentamos a proposta de um jogo de mímica ou adivinhação a partir de palavras indígenas e africanas presentes em nosso vocabulário. Através dessa brincadeira é possível trabalhar com os alunos as palavras e seus significados e ampliar o conhecimento de processos de escrita e linguagem que são adotados em Minas Gerais.



Fotografia que compõe o fotolivro *Hêmba*, de Edgar Kanaykõ Xakriabá.

Como cuidamos?

"O cuidado, ele é muito importante. Cuidado com tudo. Você tem cuidado com você mesmo. Tem cuidado de gente e com a natureza. Porque se eu falar de mim e não falar dela, eu não estou ensinando. E nem estou aprendendo. E nem estou me educando."

Dona Liça Pataxoop

Marcel Diogo

Artista visual formado pela Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Marcel Diogo transita entre Belo Horizonte e Contagem, atuando como artista, curador independente e professor da rede pública de ensino da capital. Em seus trabalhos, utiliza a pintura sobre suportes diversos, além de produzir performances, vídeos e fotografias.

Já Quase Esqueci Seu Nome
[Caixas de papelão, acrílico fosco, letras vazadas e iluminação]

Já quase esqueci seu nome é uma obra sensível constituída por caixas de papelão utilizadas em feiras. Com letras vazadas e envolvidas em acrílico fosco que deixam passar um sistema de iluminação instalado em seu interior, as caixas reunidas formam um conjunto com os nomes dos 14 grupos indígenas existentes em Minas Gerais. A partir de uma materialidade bastante frágil, o artista questiona o apagamento tanto de informações e evidencia o nosso desconhecimento sobre os povos indígenas que habitam nosso estado. Desse modo, o trabalho nos convida a refletir acerca de nossas histórias, culturas e ancestralidades enquanto povo mineiro, revelando lacunas que se traduzem no modo como cuidamos de nossas memórias enquanto sociedade.



Já Quase Esqueci Seu Nome,
obra de Marcel Diogo

“Quando não souber para onde ir, olhe para trás e saiba pelo menos de onde vem”

Provérbio Africano

Ancestralidade é o conjunto de informações, conhecimentos e práticas que nos antecedem e nos conectam aos nossos ancestrais. Como ancestrais, podemos entender nossos parentes mais antigos, em corpo físico ou espiritual — mesmo aqueles que não chegamos a conhecer.

É pela ancestralidade que sabemos que nunca estamos sozinhos, que nosso corpo e nosso espírito são entrelaçados à vida, aos sonhos e aos espíritos daqueles que vieram antes de nós. A ancestralidade, portanto, diz respeito não só à genética herdada, mas também às tradições, aos costumes, aos valores e às sacralidades geradas por essas pessoas e transmitidas a nós ao longo da vida.

A experiência da ancestralidade é muito presente na composição cultural dos povos indígenas e afro diaspóricos: ambas são culturas que valorizam os mais velhos por sua experiência de vida e sabedoria acumulada. Para esses grupos, os mais velhos são os portadores das histórias.

Todo o conhecimento criado dentro dos terreiros e aldeias é preservado a partir da escuta dos mais velhos, que participam ativamente da vida nesses territórios. Quando, por exemplo, os Orixás são cultuados nos terreiros de Candomblé e Umbanda, o que se cultua, para além das forças da natureza e de tudo o que simbolizam, também são os próprios ancestrais: parentes antigos cujas ações, em vida, trouxeram benefícios para todo o povo — e cuja sabedoria espiritual ainda os orienta.

Ao mesmo tempo, pensar sobre a importância dos ancestrais é falar sobre a importância dos mais novos, pois são eles — somos nós — os responsáveis por receber os ensinamentos e amplificá-los, direcionando-os de acordo com as demandas do tempo presente.

No livro “O Amanhã não está à venda”, o escritor e ativista Ailton Krenak nos provoca a refletir sobre como as sociedades capitalistas afastam do convívio social os idosos e as crianças: uma vez que eles não estão diretamente envolvidos com o mercado de trabalho, não são percebidos como produtivos simplesmente por não gerarem lucro. Ledo engano.

Quando, por outro lado, nos voltamos as narrativas indígenas e afrocentradas, percebemos que o enraizamento de suas trajetórias é tão profundo que nem a escravidão e o genocídio foram capazes de romper seus laços com os antepassados. Pelo contrário: a cada geração, muitos desses povos vêm se fortalecendo e se movimentando de modo a retomar conhecimentos, valores e línguas ensinadas por seus antecessores. Além de um fato natural, a ancestralidade é uma estratégia de resistência que inter relaciona diferentes tempos e gerações.

O que nos movimenta?

"Não permitiram que nós nos olhássemos, ou que nós olhássemos para dentro do território. Sempre nos apontaram para a gente olhar para o horizonte: que o Horizonte é a cidade.[...] Nunca nos disseram para trazer esse olhar circular, e aí eu acho que quando você volta a olhar para o território, você tem essa essa visão [...] Eu acho que isso, pra gente, é o que nos movimenta: é você saber por que que você está aqui."

Makota Cássia Kidoiale

Dayane Tropicaos

Oriunda de Contagem, cidade localizada na Região Metropolitana de Belo Horizonte, Dayane Tropicaos é artista visual formada pela Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Em seus trabalhos, inspira-se na própria relação com o território de origem, além de discutir atravessamentos que permeiam as lutas ligadas a gênero, raça e classe. Em sua obra, a artista questiona o lugar da arte na sociedade, propondo que os trabalhos artísticos estejam também fora das galerias, ocupando ruas, praças e outros espaços do cotidiano.

Abre Caminho

[Uniformes diversos em tecido, frases impressas em serigrafia e vídeo em quatro canais com áudio]

A instalação *Abre Caminho* é composta por 10 uniformes de trabalho que se referem a diversas ocupações profissionais, geralmente desvalorizadas em nossa sociedade. Trata-se de uma obra-manifesto que questiona os lugares impostos a populações subalternizadas na sociedade brasileira, aspecto alicerçado em heranças colonialistas ainda hoje perpetuadas. A partir de sua obra, é possível imaginar um futuro mais equânime para as populações negras e indígenas, nos provocando a sonhar com abundância para essas populações. Ao mesmo tempo, a obra convida a refletir sobre o campo simbólico e social do trabalho, nos convocando a lidar com o valor do trabalho para as populações mais pobres, a quem são relegados trabalhos que exigem muito esforço físico e baixa remuneração.



Abre Caminho, obra de Dayane Tropicaos

AFROFUTURISMO

Para falar sobre Afrofuturismo, evocamos aqui o poder das palavras — em específico, o poder que elas têm de materializar pensamentos e realidades. A consciência desse poder está tradicionalmente presente na inteligência e na prática de pessoas negras e indígenas, sobretudo dos mais velhos: eles sabem que palavras têm poder e que, portanto, é preciso manipulá-las com cuidado.

Cada vez mais, estamos nos acostumando ao convívio com tecnologias digitais apuradas, a ponto de dificilmente conseguirmos enxergar a existência de outros tipos de tecnologia — e também de significados que essa palavra pode carregar. Acostumados à ideia de que inteligência, ciência e tecnologia são produções advindas da Europa ou da América do Norte, precisamos fazer o esforço de descolonizar o pensamento e nossas visões de mundo para compreendermos o que, de fato, significa Afrofuturismo.

É comum, por exemplo, que se associe o Afrofuturismo a narrativas fantásticas que mesclam arte, ficção científica e personagens negros — ou ainda a uma mescla direta de tradições africanas e tecnologia. O conceito também envolve essas frentes, mas certamente carrega algo a mais.

Façamos um exercício: imagine um mundo onde as cidades possuem imensas construções, cuja altura se perde de vista. Agora imagine que essas construções estão rodeadas de plantas de todos os tipos: árvores e arbustos de muitas cores, cujas raízes rodeiam os prédios. Essas plantas emitem sinais entre elas, de modo que as pessoas que vivem nessas cidades — pessoas negras — conhecem os segredos dessas plantas e assim criaram mecanismos que se conectam à energia verde.

Dando um passo adiante, imagine que esses mecanismos — em forma de folhas — possibilitam a comunicação mesmo a distâncias longínquas. Nesse mundo, as pessoas também viajam no tempo e para outros mundos, comunicando-se, inclusive, com divindades e espíritos.

A mente por trás dessa história é uma autora negra e nigeriana chamada Nnedi Okorafor, tecendo ideias que envolvem o passado, o presente e o futuro da negritude. O pensamento afrofuturista oferece a mudança de uma perspectiva eurocêntrica para a perspectiva da afrocentricidade — que, no entanto, corresponde a uma visão multicultural do mundo.

O Afrofuturismo entende que o mundo é diverso e o povo negro pode ser herói — e não apenas coadjuvante — de grandes narrativas. Dentro do Afrofuturismo há a retomada de um passado científico, tecnológico e espiritual africano, com narrativas de personagens negros que utilizam tecnologia e ciência hoje, lembrando que no passado da história africana estão tecnologias que se espalharam por todo o mundo.

Trata-se de um movimento parecido com aquele proposto pela Sankofa: símbolo Adinkra em que um pássaro olha para trás, mas seus pés estão virados para frente. Segundo a tradição, esse símbolo nos diz que nunca é tarde para voltar e pegar o que ficou para trás. Sankofa ensina que é preciso buscar em nossas raízes aquilo que nos sustenta e nos projeta para o futuro. Nesse caminho, é importante situar a importância do sonho, pois se estamos abertos a sonhar nos colocamos como possibilitadores de novas escolhas e mundos alternativos. Afrofuturismo e sonho têm tudo a ver.

Em sala de aula

Na página 27 do caderno *Oriará: Para Conhecer e Brincar* falamos sobre a relação entre os sonhos, o tempo e o cuidado. Propomos a utilização de materiais diversos para criar algo que simbolize um sonho, ela foi inspirada na obra da artista Dayane Tropicaos e na Sankofa, símbolo africano Adinkra. É possível desenvolver esta proposta em sala de aula, trabalhando com projeções de futuro e desejos, exercitando a criação de imagens simbólicas a partir do afrofuturismo.

O que aprendemos com nossos avós ?

"A memória, as histórias, os cuidados que a gente deve ter como os de trabalhar, de como se preparar um lugar para plantar uma roça, como escolher o lugar para fazer a morada."

Dona Liça Pataxoop

Jorge dos Anjos

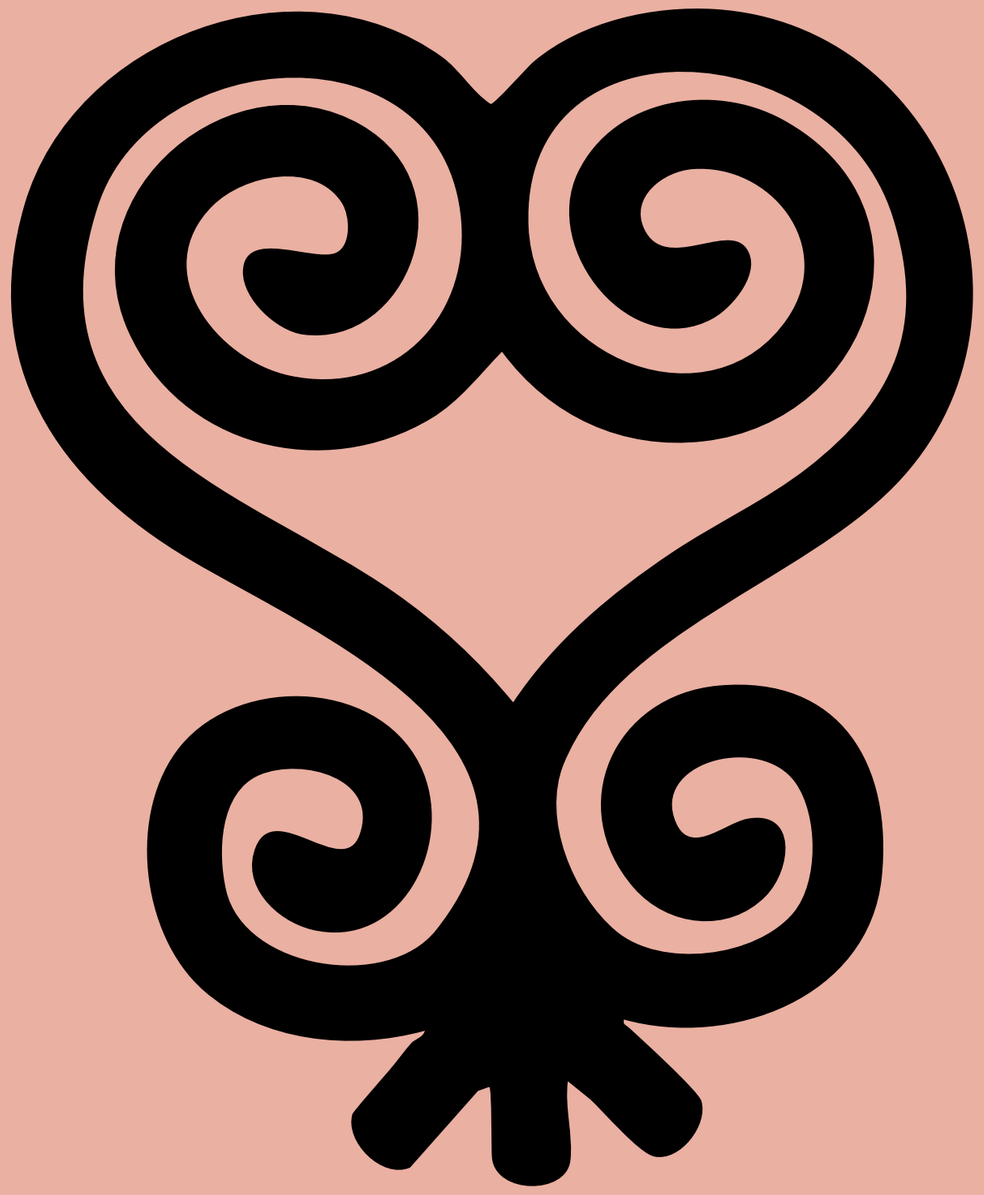
Nascido em Ouro Preto, o artista Jorge dos Anjos iniciou sua formação na Fundação de Arte de Ouro Preto (FAOP) onde estudou com os artistas Amilcar de Castro, Ana Amélia e Nuno Mello. Sua arte transita entre o desenho, pintura, escultura e design. Jorge fundamenta seu trabalho no concretismo e nos saberes africanos e afro diaspóricos, trazendo símbolos sagrados que de alguma maneira se relacionam à experiência e à sacralidade da forja: a fundição e a modelagem de metais. Em sua obra, o artista trabalha com cortes retos, que nos provocam a refletir sobre a relação de rigidez e, ao mesmo tempo, delicadeza dos materiais utilizados — que variam entre papel, lona, tecido e ferro.

Voo do pássaro sob o luar
[Tinta acrílica sobre lona de algodão encerada]

Em sua obra, somos convidados a conhecer sistemas tecnológicos de escritas ancestrais no cruzamento entre o passado e a contemporaneidade — tão envolvida em sistemas de comunicação. Combinando símbolos geométricos em simbologias ritmicas, Jorge intersecciona temporalidades que abarcam a genialidade e o requinte técnico desenvolvido pelos povos negros, incluindo a rede de comunicação estabelecida em diáspora, quando suas identidades se ressignificaram no Brasil. A partir de sua obra, somos transportados a aprendizados que percorrem gerações e nos convocam a uma observação atenta e à tentativa de decifrar suas inscrições.



Voo do pássaro sob o luar, obra de Jorge dos Anjos



Sankofa, símbolo Adinkra

ESCRITAS

Ao contrário do que costuma ser entendido dentro da cultura brasileira, os povos africanos não são povos sem escrita. Apesar de terem a oralidade como valor social de transmissão de conhecimento, existem desde tempos remotos muitos sistemas de escrita que fazem parte da história do continente.

Os hieróglifos do antigo Egito, por exemplo, preservam a memória de uma escrita sagrada feita no interior de pirâmides, templos, túmulos e também nos livros dos mortos. No início, esses hieróglifos eram utilizados no cotidiano, mas com o tempo surgiram versões de escrita mais simples e menos formais, como a demótica e a hierática.

O Ge'ez, por sua vez, é um complexo sistema de escrita etíope, cuja origem data de mais de 3 mil anos. Ele mistura a escrita com a representação matemática, tendo sido muito utilizado no desenvolvimento do Cristianismo, antes que ele se espalhasse pela Europa.

Um tipo de escrita pictórica que se espalhou por vários lugares do mundo em função da diáspora africana são os Adinkra, ideogramas cujas formas variam desde elementos figurativos retirados da natureza até formas mais abstratas. Os Adinkra remontam a história do povo Acã e eram utilizados inicialmente para estampar tecidos fúnebres. Trata-se, portanto, de símbolos sagrados que partilham sabedorias e filosofias. Outra forma de escrita, originada na Nigéria e menos conhecida que os Adinkra, são os Nsibids, ideogramas utilizados por uma sociedade secreta chamada de Leopardo Ekpe, do antigo reino de Calabar.

Além desses, outros sistemas de escrita também fazem parte da história africana, compondo sistemas tecnológicos de comunicação que, em alguma medida, chegaram até nós — geralmente a partir do trabalho e da memória de avós que transmitiram esses conhecimentos aos seus netos e netas, compondo, hoje, signos gráficos marcados em peças de design e arte que mantiveram vivas as conexões entre africanos e afrobrasileiros

LETRAMENTO RACIAL E EXPRESSÕES PARA RETIRAR DO VOCABULÁRIO

Letramento racial é uma ferramenta de enfrentamento ao racismo que se faz pela educação a partir da busca por informações sobre povos minorizados e racializados pelo empreendimento colonial. Para que esta busca aconteça, o primeiro passo é compreender a existência do racismo e as várias formas como ele se expressa em nossa sociedade.

Para além de informar, entretanto, o objetivo do letramento racial é estabelecer ideais antirracistas para que atitudes racistas não sejam mais banalizadas. Como prática, propõe uma profunda observação e percepção de como a nossa sociedade se organiza por meio de hierarquias que garantem benefícios e reconhecimento para um certo grupo — em detrimento de outros. Historicamente, tais hierarquias são culturalmente aceitas, reproduzindo-se a partir de atitudes e falas presentes em nosso cotidiano.

Em função disso, é importante estar atento a falas, expressões e atitudes racistas que precisam deixar de ser utilizadas. A seguir, listamos algumas delas.

Negro de alma branca

Transmite a ideia de que pessoas negras não seriam naturalmente boas e dignas. Seguindo esse raciocínio, quando uma pessoa negra faz algo louvável é por possuir a alma parecida com a de uma pessoa branca — automaticamente, por outro lado, relacionada à bondade.

Samba do criolo doido

Popularizado na década de 1960, o termo foi retirado de uma música homônima de Sérgio Porto. Desde então, é frequentemente utilizado para designar algo desorganizado, contribuindo para uma associação entre desordem, bagunça e pessoas negras.

Pega no laço

É uma expressão que fetichiza e hipersexualiza as mulheres indígenas. Sua origem remonta ao período colonial e faz referência a mulheres indígenas violentadas e levadas de suas aldeias à força.

Mercado negro

Expressão utilizada para se referir a transações e negócios clandestinos, relacionando o povo negro e a negritude a ações ilícitas.

Índio

É a forma como os portugueses chamaram as pessoas do Brasil ao acharem que estavam chegando nas índias, quando utilizado por não indígenas carrega uma visão estereotipada e limitada sobre os povos indígenas como se não tivessem diversidade.

Muito cacique para pouco índio

O uso dessa expressão está associado a situações em que há muitas pessoas no comando de algo. Remete, entretanto, a uma visão simplista, distorcida e negativa dos modos de organização indígenas, nos quais os poderes são distribuídos de maneira mais complexa e justa dentro da aldeia.

Programa de índio

É uma forma de associar às populações indígenas algo que é chato ou entediante. Também é uma forma preconceituosa de olhar para a vida e os costumes indígenas, como se fossem menos interessantes.

A Coisa tá preta

Tal expressão é utilizada para descrever uma situação ruim. Dessa forma ela associa situações negativas a pessoas pretas. É uma expressão que tem sido ressignificada, inclusive através da música. A música *A coisa tá preta* de Rincon Sapiência, trabalha a ideia da coisa estar preta como sinal de coisa boa.

Negra com traços finos

Essa expressão traz a ideia de que os traços negroides são grosseiros e feios, de modo que uma pessoa negra que não tem esses traços ela se destacaria — positivamente — em relação às demais. A expressão também relaciona traços finos à beleza, dizendo nas entrelinhas que uma pessoa negra bonita é uma pessoa negra com traços mais próximos de pessoas brancas.

Cabelo ruim, duro e de bombril

Todas essas expressões são utilizadas como forma de desqualificar o cabelo crespo e, a partir disso, também outras características fenotípicas da população negra.

Cabelo de índio

É uma expressão inadequada e ofensiva que tipifica e perpetua estereótipos raciais, desconsiderando e desrespeitando a diversidade étnica e cultural dos povos indígenas —tratando-os como se todos possuíssem as mesmas características físicas.

AÇÕES QUE ESTEREOTIPAM COSTUMES INDÍGENAS

Sentar com perninha de índio

Utilizada para se referir ao modo de se sentar com pernas dobradas e cruzadas, essa expressão estereotipa e banaliza costumes e hábitos dos povos indígenas .

Bater na boca

É erroneamente atribuída a todas as culturas indígenas de forma generalizada e fora de contexto gerando situações de constrangimento para estes povos.

Continue Pesquisando

Acesse o link ao lado e tenha acesso ao nosso padlet onde reunimos diversas referências sobre estes e outros assuntos relacionados à exposição

Padlet

DIÁLOGOS ENTRE PEDAGOGIAS

Quando nossa equipe curatorial se pôs a pensar o Varal de Saberes, desejávamos propor algo com o qual o público pudesse dialogar autonomamente e ao mesmo tempo, planejávamos criar ferramentas que fossem apropriadas por educadores durante as mediações na exposição. Elencamos seis perguntas relacionadas aos eixos que organizam a mostra e também este material. As perguntas, que no modo como foram escritas, pretendiam evocar uma resposta coletiva foram também transmitidas às grandes mestras Liça Pataxoop e Makota Cássia Kidoiale, cujas respostas foram distribuídas ao longo desta publicação. Contudo, cientes da generosidade de ambas mulheres, educadoras e lideranças e de seus modos únicos de responder a estas perguntas, compreendemos a importância de partilhar suas falas integralmente de forma que o leitor possa compreender a profundidade das experiências e práticas pedagógicas dessas mulheres. Que estas respostas possam te inspirar em reflexões e pedagogias que nascidas da terra e da água, partam dos ensinamentos dos antigos para um futuro mais pleno em saúde e boas práticas.

As entrevistas com nossas grandes mestras foram realizadas por Francisca Caporali [2] e pelas educadoras do Memorial Minas Gerais Vale Danira Morais e Liliane Moreira nos dias 01/11 e 09/12 de 2024.

2 Francisca Caporali é professora, coordenadora artística e fundadora do JA.CA – Centro de arte e tecnologia desde 2010. Associada e fundadora do instituto afluentes que tem objetivo o estímulo da criatividade e a criação em diferentes meios.

O que fazemos em roda?

Dona Liça Pataxoop

A Mãe Terra foi a minha escola, minha universidade porque eu aprendi dentro do meu espaço mesmo, nos lugares da terra. Eu sempre eu me senti filha da terra, irmã da natureza, eu me sinto assim porque eu aprendi, passei em várias escolas, na escola da minha casa, nos quintais, na roça, no mangue, nas pedras, nos rios, nos córregos, nas lagoas, nas rodas de fogueira. Os velhos juntavam para fazer as rodas de conversa e aí eu vejo que o meu ensino foi em rodas de conversa. No escutar, que é mesmo o ouvir, o sentir, no fazer e no olhar.

Assim que foi a minha escola, porque eu aprendi tudo que faz parte da minha cultura. Da cultura do meu povo, dos costumes, da forma de ser, da forma de trabalhar. E hoje eu passo adiante o mesmo ensino que eu aprendi, que foi nesse jeito aprendendo nos lugares. Eu nasci em lugar que tinha tudo, mas hoje que eu moro em um lugar que não tem tudo. Às vezes não tem um rio, na verdade, tem um rio, mas é doente, não tem um mar, não tem lagoa, não tem campo, não tem brejo, não tem mangue. Hoje eu moro aqui em Minas e no lugar que eu moro, na minha aldeia, não tem essas coisas, mas tem a Mãe Terra. Tem outras, como pequenas matas, mas a nossa água é pela torneira.

Hoje, para gente fazer cultura, fazer ritual, fazer ensino, fazer aprendizado, a gente tem que dar a lição da vida. Que começa pelos valores. Então, assim, os valores, eles são muito importantes. Por quê? Eu aprendi esses valores nas rodas de conversa. Então o que se faz em roda é você sentir e ouvir os valores da vida que servem para o ensino da família. Dá sentido de partilha, de ensinar para a família, para a sua vida, para todos os seres vivos que vivem na Terra. E aprende os valores para a lição da vida.

[A roda] é tudo o que é de partilha coletiva do conhecimento, do sentido, do amor, do viver, do respeito, da honra.

O que aprendi, está tudo dentro da minha escrita [tehêy], o que eu fazia, como era no meu tempo de criança, de jovem, e hoje mantenho esses valores que fui aprendendo em roda de fogueira, em roda de conversa, roda de se organizar [politicamente]. [Em roda] aprendemos tudo, coisas boas, pois em rodas só saem valores importantes. Às vezes, saem até valores para a gente se preparar, se organizar.

Tem roda dos conselhos, tem roda do ensino, tem roda de preparação para poder fazer os tempos [que são festejos em que se comemora a mudança das estações], dos rituais, ou de qualquer organização ou de qualquer outra

coisa [que precise ser decidida coletivamente]. Tem roda até de quando alguém perde o respeito com o outro, no sentido de [con]viver dentro da comunidade. Então, para tudo tem roda! Inclusive, na nossa escola se senta um atrás do outro. É em meia-lua ou roda, que é para cada um sentir o rosto do outro, sentir o sorriso, sentir aquela forma de vida boa, vida coletiva, vida de saudação um para o outro, o que vê. E isso é importante!

Quais Plantas Temos em Casa?

Makota Cássia kidoiale

Olha, é muito gostoso quando a gente pode falar do quintal. A gente tem um projeto aqui, no Manzo, da prefeitura, que eles chamam de Hortas Comunitárias e aí é muito interessante, porque quando as pessoas chegaram aqui para começar o processo de receber as mudas e eles perguntam quais nós queremos plantar e sempre colocamos as ervas. Daí, as pessoas chegam aqui e falam: "Onde é a horta comunitária?" Falamos que a horta é no quintal. E aí falam: "Olha, vocês não têm verduras?" Aí eu falo: "Não. Não precisa." Porque a gente tem pouco espaço para poder plantar verdura. A gente teria que ter mais espaço [para as verduras], mas aqui, por exemplo, tem ferro, cálcio, aminoácidos. Aqui tem todos os elementos que o nosso organismo precisa. Que, às vezes, não está só nas verduras. É aí que, por exemplo, a gente tem anti-inflamatório. E a gente tem uma erva, que acredito que seja a erva da nossa memória, das nossas gerações, que é o alecrim do campo.

Eu me lembro, que quando criança, a minha mãe fervia esse alecrim para, misturando com o tutano, com osso, ela fazia uma pasta para o cabelo. A gente ia para o córrego lavar roupa. Chegando lá, passava essa pasta no cabelo, colocava o plástico e deixava aquilo. Cozinhava no nosso cabelo e depois ia lavar. E era como a gente dava conta de pentear o cabelo, que embolava muito e não tinham essas coisas que, hoje, são mais acessíveis. E aí depois passava a babosa, quando passava a babosa os dedos deslizavam entre os cabelos. Eu acho que esses cuidados eram até uma estratégia de se manter no território, porque era um cuidado diário. E nos ajudava na estética. A gente não tinha acesso, mas hoje, se encontra vários produtos, que cuidam da nossa estética. A gente brincava de salão de beleza no quintal e pegávamos argila, passávamos no rosto e ficava ali como aquelas pessoas no spa. E ali o alecrim era muito usado. A gente percebeu que o alecrim, além de ser para o cuidado da nossa estética, ele, também, ia direto no coração. Porque quando se estava com muita insônia ou com muita palpitação se usava o alecrim. Lembro da minha avó, que vivia falando com

o meu tio, que tinha problema cardíaco, que tinha que tomar alecrim. Ela fazia chá de alecrim para ele e hoje a gente usa muito. Antes a gente não via, não tinha atenção, mas hoje percebemos o alecrim no defumador que incensa e protege as nossas casas. A gente nunca teve dengue, nunca teve Covid, porque usamos muito incenso de alecrim. Tudo aquilo que a medicina começou a orientar, mas já era uma prática nossa, já era uma prática nossa, já era um cuidado nosso. São cuidados, que a gente costuma dizer, dos ancestrais, que nos permitiu ter essa pele, esse cabelo, esse corpo, essa estética preservada.

E o quintal é nosso laboratório. Onde a gente planta ali a vida e a manutenção dessa vida.

Sem contar que, além disso tudo, também é um espaço que nós estamos sempre descobrindo alguma coisa. O quintal do Manzo tem mais de 70 anos e, até hoje, encontramos, surgem, elementos ou plantações que ainda não conhecíamos. E percebemos que essa planta sempre vem no momento certo para cuidar de alguém e aí ela alastra, assim, de repente aqui e as pessoas acham que é mato, que tem que arrancar, jogar fora. Mas é onde a gente mais presta atenção, porque está sinalizando que alguém vai precisar desse cuidado, desse remédio.

O que celebramos?

Dona Liça Pataxoop

É que cada povo... A gente é diferente. Cada um tem a sua cultura. Pode até parecer, mas não é a mesma coisa. Porque cada um tem a sua cultura. Cada um tem seu jeito de ser. É igualmente assim as famílias. Cada um segue a sua família. A cultura e os povos também são assim. Cada um tem o seu costume. Cada um tem o seu jeito de ser, a sua aldeia tem um jeito de dominar, tem um jeito de organizar. Por que, às vezes, muitas pessoas pensam que todos são iguais, mas não é. Eu nasci na Bahia, quando saí de lá, a aldeia era toda de um jeito só, morava debaixo da palha. Então, assim, hoje tem Pataxoop. O Pataxoop é o mesmo que Pataxó. Hoje tem Pataxó na Bahia e tem vários aqui também, em Minas. Mas cada um vive de acordo com sua cultura. Cada um se sonha, se espelha, o que ele quer celebrar. Cada um faz sua festa. Tem festa que é festa, agora ritual é ritual. Nós mesmos celebramos os tempos. Nós temos dois grandes tempos. O tempo das águas e do calor, que é o que nós estamos agora. Já passamos o tempo do frio e da seca. Mas dentro desses aí, tem vários tempos. Então, agora

mesmo, nós celebramos o tempo grande das águas. De cada pontinho eu peguei do que nós celebramos, do que nós preparamos, do que nós limpamos, do que nós buscamos, do que nós farturamos dentro do espaço, o que nós partilhamos, o que nós buscamos dentro da natureza para poder para chegar esse dia e celebrar o Deus Topá, que é Deus, está ali para vocês sentirem também, quem tem as religiões, para quem acredita. Tem também o Mimantituhi, que é o Yãmixoop, que é o Deus da água, que Topá de tudo. É o Deus que é meu, é seu, é de quem for. De qualquer bichinho de orelha e de zóio aqui na terra. Qualquer ser e vive. E Yãmixoop, que é o Deus do tempo, das matas, dos rios. E aí ele vem para nós. E nós temos que preparar tudo para poder partilhar esse momento muito sagrado e especial com tempo e com os parentes. Nós temos que preparar muita comida, muita fruta, muita bebida da mandioca. Nós temos que limpar igual a vocês[brancos] vão fazer uma festa cá suas, algum ritual pra vocês rezar. Nós também, dentro da nossa cultura fazemos do nosso jeito, que tá ali também. E aí a gente faz e chega o dia do ritual e aí a gente vem celebrando. Por quê? Porque é o tempo do nascer, é o tempo do crescer, é o tempo de fortalecer, é o tempo das mães produzir, as mães árvores, as mães planta, é o tempo das sementes também nascer e é o tempo das crianças, da natureza fortalecer. É o tempo de nós fazer movimento grande de trabalho, a natureza também, os animais. E é o tempo de celebrar o dia do nosso ano novo junto com a produção da natureza, com essa renovação desse tempo.

05 de outubro, mas esse é o dia do ritual. Mas antes disso a gente vem se preparando para acontecer esse grande ritual.

A gente celebra também o dia de uma criança, quando ela nasce, né? E tem também a lua, né? A gente celebra todo dia. O sol, uma planta, quando você vê.

A gente faz grandes celebraçõeszinhas das sementes, quando dá. Ou quando a gente recebe muitas sementes para colher artesanatos, a família junto também. Eu celebro todo dia estar junto com meus filhos também, comendo e dividindo. Eu sinto tudo é celebrar na vida. E celebramos também o dia de lua nova, dia de lua cheia. Celebramos vários tipos de sentido da nossa cultura. Depois, a gente também celebra o encerramento do nosso novo ano, para começar outro tempo. A gente faz celebração encerrando com as crianças, vestido de , né? Então, isso é muito importante. Que é celebrando o outro tempo do que plantou e do que colheu. Então, um tempo nós celebramos o plantio, a produção. No outro tempo, a gente celebra o que plantou e o que colheu.

Como cuidamos

Makota Cássia Kidoiale

A gente aprende desde a infância que nós precisamos de nós. Principalmente [nós] pessoas pretas. O cuidado tem que ser o ponto principal para que a gente possa permanecer, existir. Para nós, na comunidade, é como uma responsabilidade. Eu atribuo cuidado a cada um de vocês. Porque somente nós mesmos vamos poder nos cuidar. Se não nos cuidamos não temos garantia da longevidade. Temos, então a responsabilidade de cuidar de si para cuidar dos outros. Um outro lugar de cuidado é o território. O território que nos cuida. A gente se sente muito protegido dentro do território, porque aqui se fala a mesma língua, vê as semelhanças e se compreende, se entende. E, a partir desse entendimento, a gente tem respeito. O cuidado é também respeito. O cuidado é como a responsabilidade e o respeito juntos. Além disso, precisamos cuidar desse território para que ele possa nos cuidar. Para a gente plantar o que, de fato, nós precisamos para nos manter.

Eu falo que a gente planta cuidado. Quer dizer, a gente planta remédio e colhe cuidados.

O cuidado para nós é coletivo, mas, também, compartilhado. Isso devido aos ensinamentos do terreiro. Além de cuidar da nossa gente, cuidar dos nossos, a gente cuida dos outros. Esse é o sentido do cuidado para nós. Ele vem de uma forma natural. A gente acredita muito que estamos vinculados à terra. Nós somos parte da terra. Assim como ela nutre a natureza, certamente ela tem a capacidade de nos nutrir. O que precisamos fazer é garantir esse cuidado permanente. O tempo todo aqui na comunidade a gente tem se cuidado e, também, cuidado dos outros que chegam aqui. [A gente] tem tentado levar esse cuidado como afeto para as outras pessoas.

É uma prática individual para o coletivo.

Sempre precisamos estar nos cuidando. É entender que, estando cuidada, que eu dou conta de cuidar do coletivo e cada um aqui também tem essa mesma função. Isso acaba nos fortalecendo muito e garante a nossa continuidade, nossa longevidade e qualidade de vida. Por mais descuidados que a gente esteja pelo outro, o autocuidado é permanente dentro da comunidade.

E a gente cuida de nós, mas a gente cuida do território, que é fundamental. Se não cuidar do território, a gente não dá conta e nos manter cuidados.

O que nos movimenta?

Dona Liça Pataxoop

O movimento também está em tudo, porque ele é vivo. Tudo que é vivo tem movimento. E o movimento está nos espaços.

Dentro da cultura nossa, nós temos os movimentos que a gente também faz dentro da nossa aldeia. Tem um movimento que tem os jogos familiares, tem os jogos de cultura, tem o jogo do volta um, tem jogos do peteco, tem o jogo do circo, tem o pulo do peixe.

O jogo do pulo do peixe mesmo. Ele é de movimentar o corpo, o braço, que se joga com um pedaço de pau, que chama o pulo do peixe. Ele é um pedaço de pau desse tamanho assim, que a gente limpa o espaço, marca o espaço, tem que ser plano. E aí um vem correndo de lá pra cá, tem que jogar o pau pra cair lá na marcação. Aí o pau, ele pode saltar dessa altura e vai pulando, pulando, pulando. Às vezes até cai lá. Aí eles vêm marcando onde vai cair, por onde vai caindo. Esse é o pulo do peixe.

E tem um movimento de quando vai pegar uma lenha, quando vai fazer roça, plantar semente, que é do trabalho da gente. Tem um movimento que a gente junta a família, netos, sobrinhos, filhos, nora, e às vezes escolhe duas ou três, para ficar fazendo comida, e os outros vão tudo fazer movimento com a terra, colocar a mão na terra, brincar com a terra. Às vezes, as crianças vão para brincar mesmo com o movimento, ou talvez, assistir o movimento dos velhos. Tem as brincadeiras do pula-macaco, tem brincadeira que se forma fazendo movimento entre as rodas. A gente, na nossa escola, tem um intercâmbio com as escolas lá da região, vai até aqui de Belo Horizonte mesmo. E lá os professores assistem, e quem dá as aulas são os próprios indígenas, fazendo esse grande movimento de fala. Então, o movimento está em tudo. No seu olhar. Se não tem movimento, não tem habilidade de vida dentro do corpo. Tem um movimento quando a gente se junta, todo mundo para limpar o terreiro ou espaço da escola.

Alimento você sendo uma mãe, uma dona de família. Assim, todo dia você tem que ter movimento para seus filhos, né? É onde a gente fala.

Todo dia você tem movimento. Se você não fizer movimento, você está morto. Um pé de árvore, quando ele morre, ele acaba de fazer o movimento dele porque não tem as folhas. Aí a gente pensa que ele está morto. Não bate vento, não balança mais.

O que aprendemos com nossos avós?

Makota Cássia Kidoiale

Olha, eu tenho uma frase que o preto velho da minha mãe me fala. Fala, na verdade, para todo nós, desde que nascemos e repetimos muito para as crianças: "É com os mais velhos que a gente aprende a não morrer de fome."

Isso era uma frase que o preto velho da minha mãe usava muito. Com os mais velhos é possível você aprender a não morrer de fome. A gente aprende de tudo para manter a nossa existência e se alimentar. E, à vezes, isso está apagado na memória das pessoas. A gente não vê isso nas vitrines, nos balcões. Vivemos aqui [no Manzo], hoje, um ambiente muito urbanizado. O comércio, a indústria ela é muito presente na nossa vida. Mas os mais velhos está sempre nos buscando para o território, para a terra e, assim, a gente aprende a plantar e colher. Não aprendemos tanto, pois o território está reduzido, mas a gente muda o nosso sentido de olhar para a cidade e passa a olhar a para o território, para a natureza e, ali, a gente entende o que podemos extrair para não morrer de fome.

Temos que manter essa integração. Acredito que, é com os mais velhos mantemos nossa tradição de ser quilombola, de ser terreiro, nossa identidade e nossa autoestima. Porque o tempo todo a gente é diminuído, é reduzido. Para você se sentir bonita, sentir que é importante e são os mais velhos que trazem isso para nós. Mesmo quando a gente olha para o lado e não vê a reafirmação disso, a gente acredita por causa do mais velho. Então a fé, a crença, a importância de se acreditar na sua história, de onde você vem. Isso tudo só se sabe por que, o mais velho trouxe, guardou e passou isso para você.

E você entende e começa a querer, a desejar, envelhecer também. Porque você acha que envelhecer é ter propriedade para falar. Eu falo que a melhor fase da minha vida é quando eu me tornei avó, porque aí eu senti que estou envelhecendo. E aí você começa a ser ouvido de um outro lugar, além de ter inspiração para falar coisas, que realmente são importantes para quem está ali escutando. Eu acho que envelhecer, ou a importância dos mais velhos para nós, é a qualidade de vida, ou a certeza de que viver ou estar vivo é importante demais, não só para nós, mas para os nossos também.

E [quando você envelhece] muda essa relação e começa a ter outros objetivos. São os mais velhos que nos dão um objetivo ético dos valores da vida e te aponta caminhos menos dolorosos, pois eles já passaram por muitas coisas. Então são nossos guias.



Thehêy de Dona Liça Pataxoop.

REFERÊNCIAS

ALDEIA ESCOLA FLORESTA. Disponível em https://aldeiaescolafloresta.org/ . Acesso em dezembro de 2024.

ANJOS, José Carlos Gomes dos, **DORNELES**, Dandara Rodrigues. Oferendas? Preparados e composições afro-religiosas em dois mundos . Revista Espaço Acadêmico, nº227 mar/abr 2021. Disponível em : file:///C:/Users/10100612/Downloads/53960-Texto%20do%20artigo-751375220514-1-10-20210305%20(3).pdf. Acesso em 10 de dezembro de 2024

CASTRO, Yeda Pessoa de. Africanias em Terras brasílicas. **LABEB** – Laboratório de Edição FALE/UFMG. Belo Horizonte, 2022. Disponível em Africanias-em-terras-brasílicas.pdf . Acesso em dezembro de 2024.

FUNAI. Brasil registra 274 línguas indígenas diferentes faladas por 305 etnias. Publicado em 27/10/2022. Disponível em https://www.gov.br/funai/pt-br/assuntos/noticias/2022-02/brasil-registra-274-linguas-indigenas-diferentes-faladas-por-305-etnias . Acesso em dezembro de 2024.

GONZALES. Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: Revista Ciências Sociais Hoje, Anpocs, 1984, p. 223-244.

MUNDURUKU, Daniel. Literatura Indigena e o tênue fio entre escrita e oralidade. Peirolopolis. Disponível em : Literatura Indígena e o tênue fio entre escrita e oralidade . Acesso em dezembro de 2024

MUSEU DA LÍNGUA PORTUGUESA. Línguas africanas que fazem o Brasil: 1ª aula com Tiganá Santana. Youtube. Junho de 2024. Disponível em: Línguas africanas que fazem o Brasil: 1ª aula com Tiganá Santana . Acesso em dezembro de 2024.

WERÁ, Kaká. Tekoá- uma arte milenar indigena para o bem-viver . BestSeller, Rio de Janeiro 2024

QUEIROZ, Sônia. Vissungos: Cantos afrodescendentes de vida e de morte. Vissungos cantos afrodescendentes em Minas Gerais 3ª ed. revista e ampliada Org. Neide Freitas e Sônia Queiroz. Laboratório de Edição – FALE/UFMG. Belo Horizonte. 2015. Disponível em Vissungos: cantos afrodescendentes em Minas Gerais . Acesso em dezembro de 2024.

VALE

PRESIDENTE
Gustavo Pimenta

Acesse o QRcode e
conheça a liderança Vale

INSTITUTO CULTURAL VALE

DIRETORIA EXECUTIVA
Hugo Barreto (Diretor Presidente)
Luciana Gondim
Gisela Rosa

PATROCÍNIOS
Marize Mattos; Ana Beatriz Abreu; Elizabete Moreira; Eunice Silva; Joana Martins; Luciana Vieira; Maristella Medeiros; Nihara Pereira

GOVERNANÇA E DESENVOLVIMENTO INSTITUCIONAL
Barbara Alves; Jessica Morais; Michelle Amorim; Neila Souza; Fabianne Herrera; Flávia Dratovsky

Memorial Minas Gerais Vale

DIREÇÃO
Wagner Tameirão

ADMINISTRATIVO
Bianca Dias; Claudia Salviano; Mireille Silva

COMUNICAÇÃO
Bruno Azevedo; Fernando Araujo

EDUCATIVO
Pompea Tavares (Supervisora Educativo); Amanda Eltz, Amanda Marzano, Camila Cardoso, Danira Morais, Dyego Machado, Gerson Melo, Júlia Ribeiro, Larissa Altemar, Liliane Moreira, Gustavo Rodrigues, Maicon Cruz, Mell Santos; Smally Gonçalves Rodrigues; Stephanie Lima

PRODUÇÃO
Gabriella Seabra, Gustavo Ruas, Rafael Souza e Ulisses Passos

OPERAÇÕES
Elenice Martins

TÉCNICA
Claudiney Martins; Davidson Nunes; Ricardo Gomes

VALE

DIRETORIA DE GESTÃO TERRITÓRIO SUL SUDESTE
Luiz Henrique Medeiros; Vitor Libanio; Luiz Fernando Martins; Sergio Cabral

EQUIPE DE RELACIONAMENTO COMUNIDADES
Denise Garofalo; Diego Halan; Elane Cristina Araújo Costa; Guilherme Souza; Joisceany Moreira Ferreira da Silva; Lidiane Gonçalves; Lilia de Souza Alvez Nogueira; Lucas Soares Silva; Luciana Carvalhar; Luiz Queiroz; Mariana Almada; Mariana Diniz; Nivia Carvalho; Polyanna Passos Franco Taranto; Samuel de Oliveira Carvalho; Suelen Almeida; Vidiane de Souza Duarte; Vinícius Ventura; Eduardo Cysneiros; Elson Pereira; Iolanda Kelles; Reginaldo Pereira Resende; Thais Pires; Darlene Oliveira

EQUIPE DE RELACIONAMENTO INSTITUCIONAL
Helga Paula Patricio Franco; Carlos Brazil; Vanessa Tavares; Maria Analia Ferreira Costa; Ana Laura Murta; Andreia Queiroz; Gabriel Bandeira; Joelson Lagrimante; Leonardo Chaves; Luiz Augusto Moisés de Magalhães; Pedro Scaldini; Wandercy Miranda

ORIARÁ

COORDENAÇÃO GERAL ORIARÁ
Pompea Tavares; Francisca Caporali

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO
Gustavo Ruas

CURADORIA
Danira Morais; Liliane Moreira; Mell Santos (Equipe Programa Educativo MMGV)

ACOMPANHAMENTO CURATORIAL
Larissa Altemar

EXPOGRAFIA
Micropolis (Vitor Lagoeiro e Iara Pezzutti)

IDENTIDADE GRÁFICA
Andrea Gomes

CADERNO PEDAGÓGICO
Andrea Gomes e Bernardo Lessa

REVISÃO DE TEXTOS
Daniel Toledo

PRODUÇÃO EXECUTIVA
VFBH

ARTISTAS
Day Tropicaos; Edgar Kanayko; Froiid; Jorge dos Anjos; Aldeia Escola Floresta; Marcel Diogo

COORDENAÇÃO TÉCNICA
Estúdio Polvo

PROGRAMAÇÃO MAPA INTERATIVO
Sarah Mattos

ANIMAÇÃO *O QUE TEM NA MINHA ROÇA*
Gabriel Algusto

CENOGRAFIA
Catanduva Cenografia

Iniciativa:

Patrocínio:

Lei de Incentivo à Cultura
Lei Rouanet

Memorial Minas Gerais Vale

INSTITUTO CULTURAL VALE

VALE

Apoio:

CIRCUITO BH LIBERDADE MG

Fundação Clóvis Salgado

A LIBERDADE MORA EM Minas #VEMPRAMINAS

CULTURA E TURISMO MINAS GERAIS GOVERNO DIFERENTE. ESTADO EFICIENTE.

Realização:

MINISTÉRIO DA CULTURA

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO

Pronac 234830